

## VISÃO DO MUNDO, TELEVISÃO E ENSINO DA GEOGRAFIA

Ninguém pode negar que a Televisão se tornou, hoje em dia, um dos factores culturais preponderantes na nossa sociedade. São bem raros os que não passam, quase diariamente, instantes ou horas a olhar para estas pequenas janelas que, em casa ou no café, abrem para um espaço exterior fascinante e impingem a todos a mesma visão do Mundo.

Quais as relações entre esta impregnação cultural quase inconsciente e o Ensino? E, em especial, com este ramo do ensino tradicionalmente encarregado de dar aos alunos o conhecimento do quadro espacial no qual a sua existência decorre: a Geografia? Antigamente os alunos sabiam de cor os nomes de rios, de montanhas, de cidades... Ainda no século XIX, uma sã reacção obrigou os jovens a localizá-los nos mapas. Nova reacção, muito mais recente, tentou substituir uma enumeração vazia pelo conhecimento do conteúdo geográfico real. Teve, infelizmente, o resultado correlativo de deixar flutuar as noções ensinadas num espaço impreciso, não estruturado, sem dimensão e abstracto. O fraco conhecimento da face da Terra que os alunos trazem ao entrar na Universidade testemunha bem este facto.

Muitos professores de Geografia se queixam da concorrência que a Televisão faz às suas aulas. Acusam-na do desinteresse que manifestam muitos alunos. Tentam, às vezes, competir com ela, procurando, sem meios suficientes, transformar as aulas em viagens imaginárias ou em reportagens lúdicas, no intuito de captar a atenção de alunos muito

mais interessados pelo último enredo da novela brasileira, por qualquer engraçado desenho animado checo ou japonês ou, ainda mais, pelo encontro de futebol que acaba de opor, em Dusseldorf, o Benfica e tal equipa alemã. Todas elas mensagens carregadas de informações geográficas, mas como aproveitá-las?

Qual será o melhor caminho? Importa primeiro reflectir sobre as características próprias da informação televisiva para depois, sem ignorá-la, repensar o ensino da Geografia, aclarar a sua finalidade e acertar os seus métodos.

### *A visão do Mundo e a Televisão*

Durante quantos anos ainda vai a Televisão manter as suas actuais características? Talvez não muitos. Lá fora, nas cidades dos países mais ricos, vão-se multiplicando em ritmo acelerado as lojas de videocassetes, que permitem a todos, mesmo nos bairros mais populares, alugar durante algumas horas a gravação da emissão que querem ver em casa, no próprio receptor de Televisão, à hora escolhida. Mas isso, em Portugal, ainda é o futuro.

Actualmente, a Televisão é fundamentalmente caracterizada pela *unicidade* da informação transmitida (mesmo nas regiões onde se conseguem captar os dois canais) e pela *rapidez* e *irreversibilidade* da sucessão das imagens mostradas.

Estas duas características são de importância fundamental.

A primeira afasta praticamente qualquer possibilidade de escolha individual, até porque são poucas as horas onde cada um, entre o trabalho e o sono, tem lazer para espreitar além da vida familiar, através do *écran*. Se o Poder tivesse suficiente capacidade de organização, a Televisão podia tornar-se num terrível instrumento de propaganda uniformizadora...

Quanto ao ritmo e sucessão das imagens, o resultado é que pouca gente — ou ninguém — consegue apreender todas as intenções dos autores da emissão. Tanto mais que os locutores, realizadores e responsáveis pela montagem das imagens parecem, quase todos, considerar um dever imprimir um ritmo torrencial ao caudal de palavras e cenas sincopadas que nos impingem. Da criança ao avô, do trabalhador analfabeto ao professor da Universidade, do camponês ao cidadão, toda a gente vê desfilar a mesma sucessão de imagens e vai pescando nelas o que consegue entender.

Procurando agora analisar a informação televisiva do ponto de vista mais específico das suas relações com o ensino da Geografia, chega-se a várias outras conclusões importantes:

1. A Televisão traz-nos constantemente informações sobre acontecimentos que se desenrolam *em qualquer parte do planeta*. Por outras palavras, ela implica no telespectador, para ser entendida, uma percepção de conjunto do Mundo em que vive. Ora, não será exagero dizer que a enorme maioria do público só tem deste uma visão muito pobre e confusa.

2. A Televisão *localiza muito deficientemente* os lugares mostrados, mesmo quando, por acaso, aparece no *écran* um mapa, aliás frequentemente ilegível e quase sempre não explicitamente relacionado com as imagens que pretende situar.

2. O facto anterior não é mais do que uma das consequências de outra característica fundamental da Televisão. Reflexo distorcido da vida do Mundo, ela opera uma *distinção muito fraca* entre a *ficção* e a *realidade* (esta última, aliás, sempre mais ou menos deformada pela manipulação dos vários técnicos que a registaram e trataram); entre o *passado* e o *presente* (a despeito da minúscula indicação «imagens de arquivo» que aparece às vezes); entre o *próximo* e o *afastado* (a inundação que flagela tal região dos Estados Unidos entra em casa com a mesma «presença» que as que assolaram em 1979 e 1983 a região de Lisboa).

Estas confusões no espaço e no tempo, entre a realidade e o sonho (muitas vezes, o pesadelo), são inevitáveis. Pode tentar-se, pedagogicamente, minorá-las, mas, pela sua natureza específica, a Televisão só pode ser o reflexo onírico da sociedade que a segrega e recebe.

Factor cultural? Sem dúvida e com que força! Ignorá-lo ou arredá-lo seria refugiar-se num sonho passadista e inoperante, como tentar competir com ele seria caminhar directamente para o fracasso. O ensino deve ter consciência da sua especificidade, do seu próprio papel social e cultural, para encontrar o devido lugar, capaz de lhe assegurar valor, consideração e eficácia.

### *Qual o papel do ensino da Geografia?*

Os geógrafos universitários, e mesmo muitos professores do ensino secundário que foram iniciados na investigação durante o seu curso, têm de fazer um esforço para admitir que a finalidade do ensino da Geografia, ao nível dos cursos primário e secundário, não é formar futuros professores de Geografia! Não será já ambição muito vasta, mas mais realista, pensar que a justificação deste ensino é ajudar todos os jovens a *situarem-se no Mundo* em que vivem?

Qualquer inquérito mostrará que os jovens não têm actualmente a menor ideia da dimensão, nem da superfície terrestre no seu conjunto, nem dos seus vários componentes como, por exemplo, o Oceano Atlântico ou a Península Ibérica (*Finisterra*, 36, 1983, p. 401-416). Mesmo quando as distâncias são expressas simplesmente em quilómetros — noção, no entanto, constantemente usada na vida corrente e lembrada amiúde em cada cruzamento de estradas. Ainda menos quando as distâncias são traduzidas em tempos de percurso, sendo verdade que, no Mundo de hoje, o telefone estabelece de vez em quando contactos instantâneos entre parentes espalhados nos vários continentes e que a Televisão baralha, como já foi dito, a nossa antiga noção de um irreversível desenrolar do Tempo.

Ainda menos se ensinam concretamente as noções de custo — qual é o preço de um bilhete de avião para Nova Iorque ou para Macau?

qual é a sua relação com o salário mínimo mensal em Portugal? — ou de itinerário mais curto (para ir de avião do Porto a Bordéus, separadas em linha recta por pouco mais de 900 km, o mais barato é passar por Lisboa e Paris, o que representa um percurso de cerca de 2250 km). A aquisição de um conhecimento verdadeiro das distâncias à superfície da Terra não pode ignorar também as barreiras políticas, mentais e sócio-religiosas que restringem ainda muito mais, na realidade, a nossa liberdade de contactos e que acabam por tornar incomensuráveis as distâncias entre certos povos vizinhos.

E, no entanto, o povo português devia ser um dos melhor armados para acolher um ensino que ajudasse os jovens a tornarem-se cidadãos conscientes — senão responsáveis — não só do próprio País, mas ainda de um Mundo cada vez mais interdependente. Qual é a família que não tem parentes nascidos em Angola ou em Moçambique? Que não tem um membro a trabalhar no departamento 63 ou 92 da França? Que não conta um filho ou primo que manda um postal, de longe em longe, de Toronto ou Johanesburgo? A realidade da nossa vida desenrola-se, e é reflectida pela Televisão, em escala mundial mas, infelizmente, o nosso ensino continua a ignorar em larga medida este facto.

#### *Concorrência ou complementaridade?*

Já passou o tempo em que o essencial da informação sobre o Mundo provinha da sala de aulas, dos mapas pendurados nas paredes ou destes engenhosos livros de leitura que, à imitação da famosa «Maravilhosa viagem de Nils Holgersson» da sueca SELMA LAGERLÖF (1906), ensinavam ao mesmo tempo a ler e a conhecer a Geografia pátria. O professor deixou de ser o único sábio da aldeia ou vila, capaz de ministrar conhecimentos sobre o Mundo. Muitos, inconscientemente, ressentem este facto como uma afronta, uma diminuição da sua posição social e procuram nele a explicação para o desencanto que afasta numerosos jovens da escola. Talvez esta espécie de complexo de inferioridade esteja sobretudo difundida entre os professores de Geografia, esta disciplina mal delimitada, em tumultuosa mutação interna e que sofre do pecado original de ter sido matéria cujo ensino era outrora essencialmente baseado na memorização.

Parece tão irrealista ignorar ou recusar o fenómeno televisivo como pretender competir com ele. O papel, muito importante, do ensino da Geografia é complementar da informação difusa espalhada pelos meios de comunicação social. Deve constituir o sólido apoio, o quadro de fundo no qual as notícias do telejornal e as informações indirectamente espalhadas pelos filmes, os espectáculos de variedades, todos os reflexos da vida económica e política que agita o Mundo, venham inserir-se, tornar-se inteligíveis, enriquecendo assim passo a passo a cultura de cada um e de todos.

Pode parecer que o ideal seria uma estreita e constante colaboração entre os professores de Geografia e os programadores de Televisão e que, com antecedência, pudessem ser distribuídas aos docentes notícias sobre

os programas que vão aparecer, o seu interesse, os seus limites, acompanhadas de documentação complementar, utilizável durante as aulas. Este ideal é provavelmente utópico e seria aliás pedagogicamente falso ordenar todo o ensino em função de um ritmo forçosamente alheio. O docente, na maioria dos casos, tem de se resignar a colaborar com a Televisão *a posteriori* e, em geral, fora de qualquer estreita correlação no tempo.

Mas parece que o ensino da Geografia tem de ser pensado, para ser utilmente assimilado por um público intoxicado de Televisão, de tal maneira que o seu conteúdo seja sempre apresentado numa *perspectiva mundial* e não só local ou nacional ou, pior, como é actualmente muitas vezes o caso, nos nossos programas fundamentalmente temáticos e teóricos, sem nenhuma localização concreta! Isto só será possível, para não cair no anedótico que caracteriza a Televisão, se se correlacionar e localizar sempre cuidadosamente os fenómenos apresentados, se se insistir sobretudo nas coisas simples, claras e fundamentais, mas sem as definir à força, segundo moldes rígidos e preconcebidos, como a demasiadamente célebre distinção entre Países Desenvolvidos e Terceiro Mundo. Dar uma ideia da diversidade do Mundo, mas mostrar ao mesmo tempo as grandes linhas de força que a estruturam e a tornam inteligível, é ajudar cada um a constituir este sólido quadro de fundo mental, indispensável para situar e, assim, entender e julgar, tão livremente quanto possível, a catadupa de pormenores constantemente imposta ao telespectador, numa sucessão fugaz.

Não se trata, evidentemente, de tornar a ensinar listas de cidades, montanhas e rios. Mas se todos os jovens saíssem do liceu sabendo manejar e utilizar, de modo eficaz e complementar, um atlas, uma enciclopédia e várias obras de referência, não teríamos atingido já em grande parte o possível alvo? Estamos muito longe deste simples ideal. Quantos são capazes de utilizar os vários tipos de índices que acompanham um livro bem feito (muitos, até, nunca repararam neles)? Quantos são capazes de passar de um mapa em determinada escala para outro em escala menor ou maior? Quantos entendem a simbologia cartográfica mais usual? Quantos, enfim, são capazes de uma apreciação crítica do valor dos dados estatísticos, a todo o passo impingidos?

O uso de um atlas desenvolve naturalmente o gosto da investigação pessoal, o hábito da reflexão e da comparação. Talvez os nossos alunos passassem a gostar mais de Geografia se conseguíssemos desenvolver neles o reflexo de procurar sempre no atlas o lugar que acaba de aparecer no *écran*. Verdade seja que, para isso, era preciso que existisse um bom atlas português, que oferecesse não só mapas claros de localização, mas, também, uma representação temática rica e atraente dos aspectos tão diversos da vida que pulsa e dos conflitos que sacodem a Terra.

E se se tentasse elaborá-lo?

SUZANNE DAVEAU